

A MARMOTA.

ca-se ás terças e sextas (embora seja dia santo), na — Nova Typographia de Paula Brito — rua do Cano n. 44, onde se assigna a 50000 rs. por seis mezes para a corte, e 60000 rs. para fóra, pagos adiantados, e tambem na praça da Constituição n. 64. Na avulsos, 160 rs.

A MARMOTA.

De S. Paulo recebemos o seguinte artigo sobre a questão proposta na *Marmota* de 25 de 12 do FEVEREIRO do corrente anno.

Os cegos.

Pergunta-se — Qual é mais infeliz: o cego do nascimento, ou de acaso?

Resposta: — Não sabemos alguma cousa. O homem que nasceu cego, que ao entrar no mundo tropeçou nas trevas, que jámais viu a côr do dia e a côr da noite, que se admirou o magestoso despontar da aurora e o desabrochar das mimosas flores, o ar-serpeando docemente, o céu, ora em nuvem azulada e em seu manto de saphira e ora, ora tempestuoso e de um aspecto horrível; o mar, ora liso e calmo, ora agitado e irado, o magnifico espectáculo de noite serena e estrellada, em que a lua brilha em seus fulgores; o homem, que assim nasceu e assim vive no mundo; esse homem, esse cego, é bem infeliz! Fria e triste foi a sua vida e não menos fria e triste é a sua porção!

Resposta: — Não sabemos alguma cousa. O homem que nasceu cego, que ao entrar no mundo, viu a luz de sua vida brilhando no céu, pôde ver e admira-se os encantos que o seu creador derramou em toda parte; emfim, conheceu os seus prazeres: este homem teve uma feliz existência e não menos feliz e agradável a sua posição ao primeiro! Mas se por qual-

quer accidente imprevisto, elle perdeu a luz, e cahiu no abysmo das trevas, se elle cega, então é mil vezes mais infeliz que aquelle que assim já nasceu!

A razão é clara:

O cego do nascimento veio ao mundo envolvido em uma noite perpetua! Nunca pôde formar idéa verdadeira dos objectos que povoam o mundo exterior! Para elle nunca o sol desponta no firmamento, nem a lua fulgura no horizonte! Para elle nunca a primavera succede ao outono, nem o dia á noite! Elle não descobre formosura, nem fealdade nos objectos, nem sabe descrever as variedades e cores que elles vestem, porque esses objectos para elle só possuem uma unica cor, e esta é a cor das trevas!

Mas ao que cegou por desgraça ou acaso, succede o contrario: elle tem uma idéa distincta de todos quantos objectos povoam o mundo exterior; porque já viu, conheceu e admirou suas qualidades e propriedades, e por consequencia os sabe apreciar e avaliar!

Do que resulta que a privação da luz, que elle sofre, é um pesadelo continuo, que, como um remorso, incessantemente o persegue e maltrata!

Por qualquer lado que se considere esta questão, vê-se clara e perfeitamente que a infelicidade está da parte daquelle que, possuindo o inapreciavel thesouro da vista, o perdeu por qualquer inesperada circumstancia.

O cego de nascença, privado desde a aurora de sua vida, do sentido visual; nunca

seus bellos cabellos lustrosos e flexiveis. Elle levantou-se apenas avistou a donzella á porta da sala, e esta estremeceu á sua vista, como se avistasse um rei. Sentio-se acanhada pela primeira vez na companhia de seu irmão de infancia; a lingua ficou-lhe presa ao paladar; impedida de fallar, mal podia conter as vistas de Leonardo. E, entretanto, sua alma se emmergia nas delicias de o ouvir, de o sentir perto de si, com tantos dotes: gloriava-se de sua escolha! O tempo que passaram juntos foi rapido; e Deos concedeu a esses dous amantes muitos dias e semanas tão felizes. Entregue á sua vida habitual, isto é, ao inteiro esquecimento de seus irmãos, a filha dos brancos havia já esquecido os seus terrores.

As idéas sombrias de desgraça correram espavoridas de seu espirito com a ruidosa alegria da venturosa moça.

Unida pelos sentimentos do coração ao homem da sua escolha, D. Narcisa entregou-se com abandono á sua felicidade, e descurou-se dos obstaculos que se oppunham á sua união com Leonardo. Achava tão impossivel poder ser d'elle separada, que zombava, com desdem, do seu proprio pen-

samento, quando lhe vinha esse vago temor á memoria!

A inexperiencia, a sua sinceridade, e mais que tudo a felicidade que gozava, lhe haviam impedido reparar que na casa grande se faziam reparos e preparativos que annunciavam uma grande festa: e esses aprestos tão sumptuosos, que ostentavam toda a vaidade dos senhores de Villar, não podiam denotar senão algum acto muito solemne na familia; e esse acto não podia tambem ser outro senão o do casamento de D. Narcisa.

Com effeito, o Senhor de Villar não havia perdido um só momento desde que concluiu o negocio do casamento de sua irmã: nada havia esquecido que pudesse tornar deslumbrante e magestosa a solemnidade desse dia tão notavel.

Em quanto a moça se entregava ás loucas esperanças de seu amor malfadado, Dom Martim dispunha de sua sorte com despotica segurança, e a mais leve sombra de resistencia da parte de sua irmã não tinha jamais vindo interpor-se a seus projectos. Ainda alguns dias faltavam para a cerimonia, porém o cavalheiro quiz a irmã perto do noivo e para isto mandou-a buscar á sua morada.

Aquelle que nasceu mudo, que nunca teve palavras, parece exprimir o menor dos seus pensamentos; é menos infeliz que aquelle que outr'ora possuio o dom da fallar: e hoje tem presa a lingua sem della poder usar!

« Ninguem sabe o que perde, senão depois de perdido. »

O cego de nascimento vivendo nas trevas inventa para si uma luz, e esta é a sua imaginação. Com ella, remedeia em parte, os males que sente: com ella, elle empresta

OLETTIM.

D. NARCISA DE VILLAR.

Legenda do tempo colonial

A INDIGENA DO YPIRANGA.

(Principiou no n. 942.)

IV.

Um dia se passou na casa grande, que se contava feliz; foi aquelle em que D. Narcisa de Villar e o filho da Indigena disseram seu mutuo e apaixonado amor. Não puderam estar muito tempo juntos. Pela volta da tarde veio Iphigenia trazer sua ama a pedido do filho. A jovem entrou risonha na sala onde estava a mãe, cujas melhoras iam em augmento. Iphigenia mesmo havia uma feliz transformação: toda a pessoa do enfermo; seu toilette elegante, seu rosto tingido de ligeira cor, amoldurava-se nos bastos anneis de

fórmãs aos objectos, imprime-lhes movimento, e representa-os taes, quaes são: — na sua dourada fantasia!

Como verdadeiramente acontece, todos aquelles que perdem um sentido, possuem os outros mais activados e desenvolvidos; succede isto mesmo ao cego de nascimento. O sentido da audição, olfacto, paladar, e tacto, como que tomam maior força de actividade, a tal ponto chegando, em que a falta de luz que elle lamenta é quasi que sufficientemente supprida!

Assim, pois, a sua vida não é tão infeliz, como parece.

O cego por desgraça é como o passarinho que voou quando quiz, que modolou seus ternos cantos, que, enfim, foi livre; mas que, apunhado em armado laço, é posto em uma dourada prisão, onde elle carpe sua desdita!

A vista é o pharol que conduz o homem livre do perigos!

A cegueira é um rochedo que lhe impede o passo!

S. Paulo — 1858.

Antonio Manoel dos Reis.

CARTAS MYSTERIOSAS.

Carta V.

ARMINDO A LEONOR.

Quinze dias, senhora, são passados
Sem que uma carta que vos fôra entregue
Em versos pela mão do amor escriptos,
Ao menos por favor fosse attendida.
Sorpr'ende-me este facto, porque sendo
Effeito de uma causa, que não pôde
P'ra vós em caso algum ser novidade,
Razões não achareis que o justifique,
Excepto se por habito ou por gôsto
As vossas affeições se barateam
E mostraes, por brincar, amor aos homens,
Do quem, em caso tal, fazeis ludibrio;
O que pouco diria, se assim fosse,

Mas, com grande espanto, a donzella não apparecia, não obstante ser chamada muitas vezes. Iphigenia, que tantos desgostos havia tragado, no curto espaço de um mez, via com susto esse chamado, como um annuncio de desgraça, e á cuja obediencia queria subtrair a joven senhora. Havia por isso recebido os mensageiros do senhor de Villar, o com imprudente fidelidade os havia despedido sob estranhos pretextos, sem nada participar á donzella. Dom Martin impucientou-se quando viu pela terceira vez chegar o portador de seu mandado com uma resposta tão frivola da parte de sua irmã. Não sabendo o que pensar de semelhante falta, sabio não sem alguma preocupação em busca de D. Narcisca.

Nove horas acabavam de soar: a noite estava escura e humida; a donzella estava ao pé de Leonardo, e fazia-lhe uma leitura de romance dos tempos da cavallaria. O moço a escutava com enlevo e transportando a sua imaginação até essa época romôta, figurava-se um outro heroe fazendo pela dama dos seus amores tão grandes façanhas que espantavam o mundo! D'ahi seguiu-se uma discussão interessante e elo-

Co'a vossa posição.. Eu não tivera
Me mostrado tão brando ao vesso affecto,
Se um dever para mim não fôsse o dar-vos
Um signal, uma prova, uma certeza
Do apreço em que vos tenho, visto como
Vos mostraveis o mim tão dedicada,
Sem reserva, senhora!.. A vossa Emilia,
A quem para eu prezar basta que seja
Vossa amiga do peito, é testemunha
Dessa amor, desse affecto, dessas provas
Que de vós sem cessar eu recebia,
Que tanto os meus desejos inflammaram,
Parecendo-me justo que eu mostrasse,
Pois que amor no meu peito estava em fogo,
Que em vão vos não cansaveis, e que em muito
Vossos dotes eu tinha, e os attrativos
Que da vossa belleza a cada passo
Seductores prendiam-me, e tornavam-me
Das vossas affeições humilde escravo.

Ah! senão por paixão, amai-me ao menos
Por grati-lão, senhora! Eu quiz salvar-vos
Da humilhação em que cahir podieis
Aos olhos das amigas, a quem tanto
Meu pequeno valor encarecieis,
Amando a um homem que vos não amasse;
Essa desgraça que ellas não perdoam,
Que torna quem a tem alvo incessante
Dos motejos, da critica maldosa
Em que todas tão prontas, tão agudas
Se mostram, como a ponta da lanceta!
Querereis vós acaso que eu padeça?
Que seja dos salões alvo ridiculo?
Que em cada rosto de mulher eu veja
N'um sardonico riso um epygramma?
Não sereis tão cruel! Leonor, senhora,
Humilhar um mortal, que por vós soffre
As torturas do amor, não é grandeza;
Se vos fez bella o céu, foi p'ra que fôsseis
Accessivel aos olhos de quem ama;
Não é virtude desprezar um peito
Das conquistas de amor volado á gloria.

rosa, em que a moça oppunha-se sempre aos nobres impulsos de valentia do joven, não querendo para prova de amor expol-o a tantos perigos.

Quando chegou a hora de separarem-se, foi com muito custo que cederam á essa necessidade. Recolhendo-se aos seus aposentos, D. Narcisca pensava no toilette que devia trazer no dia seguinte, que mais agradasse a seu amigo, e guardava com cuidado as flores que o moço collêra com tanto amor para ella, no passeio que nesse dia tinham dado ambos. De repente, fortes pancadas que se fizeram ouvir na porta d'entrada, distrahiu a moça de seu feliz sinisar. Sorprehendida, correu palpitante ao corredor fronteiro a chamar Iphigenia. Quando abriu a porta do quarto, que communicava com o mesmo encontrou a India que trazia as feições alteradas e alumiaava a um homem que pisava forte. A primeira vista não pôde a moça distinguir as feições desse desconhecido, eujas ruidosas pisadas lhe faziam bater o coração de susto, porque além de vir embuçado em um amplo capote de pano alvadio, trazia encoberto parte do rosto sob um chapéu desabado.

Que papel quereis vós que eu represente
Nos circ'los onde já tanto brincámos,
E onde em vassallo, sendo vós rainha,
Graças, por vossas mãos distribuidas,
Já tive tantas vezes!.. Quanta inveja
Tiveram outros d'esse bem que eu tive!..
Que de ciumes, qua de vós suspeitas
Por vossa causa e minha improvisados,
Não foram vezes mil por falladores,
Por gabolas do tempo, que se occupam
Em buscar destruir o que outros fazem;
Que de tudo incapazes, e deixando
Té das mãos lhes fugir os passarinhos,
Nada gozam o privam que outros gozem,
Como a Mãe de S. Pedro, o bem que é facil!

Longa vai esta carta; não se deve
Perder tempo de amor, de amor fallando,
Diz M.^{me} de Stáel; e eu peccara,
Podendo vos dizer tudo o que sinto,
Em fazel-o escrevendo, se não fôra
A distancia cruel que nos separa,
E esses de quem viveis sempre cercada,
Para minha desgraça, infelizmente.

Se temeis escrever-me, vossa amiga,
Vossa Emilia, por vós autorisada
Pôde tudo dizer-me, e a vossa letra
Deixa assim de ficar compromettida.

Ah! não façaes, senhora, que se torne
Desgraçado quem foi de vós tão digno,
Quem tanto mereceu do vosso affecto,
Quem, vivendo por vós, por vós não teme
Tudo soffrer, com tanto que o bafeje
A esperanza de ser por vós amado.

ARMINDO.

Amores infelizes.

Eu amo-te e não me tuas,
Tu amas, não és amada,
Por desgraçado eu me julgo,
Tu te julgas desgraçada.

— Muito cedo se doita a senhora D. Narcisca, disse o homem grande sentando-se na primeira poltrona que encontrou!

— Meu irmão! .. murmurou consigo a moça, tremendo aqui a estas horas!..

— Na solidão em que vive... disse Iphigenia respondendo ao dito de D. Martin...

— Não fallo contigo, mulher, atalhou o senhor de Villar e com arrogancia; retira-te que desejo ficar só com a senhora. A pobre creatura ficou perturbada pelo poder dessa voz imperiosa que lhe calava n'alma, olhando para a donzella, que estava pallida e tremula como uma silva batida pelo vento do sul. A essa vista a filha dos bosques recuperou toda a sua energia, e tornou resoluta ao grande fidalgo:

— Minha nobre ama, senhor, não está habituada á sua visita; ella nunca se separa de mim. Olhe, treme de medo e vai ficar doente!.. Perdão, meu senhor, mas não sahirei de junto, della.

Rustica, s-lhe, disse o senhor de Villar erguendo-se com furor e levando os punhos ás faces da India.

(Continúa.)

Eu por ti choro constante,
Tú choras pelo teu bem,
Tens por elle amor immenso
E por ti elle o não tem.

Tu zombas dos meus protestos,
Teus protestos são zombados;
Acredita-me, oh! Adelia,
Somos ambos desgraçados!

Eu em ti vejo um sorriso
O mais falso, a mim vazar;
Falso riso em teu amante
Não me canço em divisar

Eu choro, oh Adelia minha,
De por ti ser desprezado,
E tu choras o desprezo,
Que notas no teu amado.

Tu a mim amar não queres,
Mas finges queres-me amar;
Elle a ti também não ama
Finge sempre te adorar.

Tu amas, não és amada,
Também amado não sou,
Eu que te amo com tal força
Que jamais alguém amou!

São iguaes as nossas dôres,
Com iguaes padecimentos,
A mesma pena sentimos,
Também os mesmos tormentos.

Eu amo teu porte esbelto,
Sublimada formosura,
Tu me podes com certeza
Dar momentos de ventura.

M. A. Calzans Peixoto.

POR UM CHARUTO

Novella

POR

LESTOURGIE.

(Continuação. Principiou no n. 950.)

— O coronel achando-se casado, era muito logico que tivesse filhos; teve uma encantadora menina, a mais velha, Rosinha... Mas não antecipemos sobre os acontecimentos. Uma manhã, a Sra. Borois (ora o nome de familia do coronel), chamou seu marido á parte e lhe disse:

— Jacques, tenho grande confidencia a fazer-te.

O veterano pôz-se a pentear os bigodes com os dedos, como um homem que se prepara para a defensiva.

— Rosinha tem dezoito annos, tu o sabes... dezoito annos antes de hontem... Fez sua entrada no mundo, e eu não devo calar-me, pois tem sido notada...

— Notada... por quem?

— Por todo o mundo, sim, e muito particularmente, pelo Sr. visconde Octavio de Chateauluc...

— Ah! ah! pois bem, não fallemos mais nisso.

— Como, meu caro amigo: tomas a causa assim? E eu que vinha fallar-te de casamento!

— Casamento!.. Rosinha, a minha filha querida, casar-se com o Sr. de Chateauluc?... Ora vamos! querias fazer-me rir. Mas, vê hem que a graça não deve ir adiante e que mesmo não a acho de bom gosto.

A Sra. Borois sentio-se desapontado. O coronel media a grandes passos a sala de jantar; ella seguia-o pedindo a attendesse, e

lhe conta que do Sr. de Chateauluc recebera uma carta que lho pedia por elle intercedesse.

— Repara, disse ella, nas immensas vantagens que a presenta esta união: o castello do Sr. Octavio está alli em face de nós, ao norte da estrada; suas terras e as tuas se tocam em todos os sentidos; vinte mil libras de renda! Tudo isto não é para se desprezar.

— Não me deixarás em paz! exclamou o coronel aceso em colera. O primeiro Chateauluc que pisar aqui em casa sabirá com um braço por mim quebrado. Vê hem o que te digo.

— Não és, meu amigo, um homem razoavel. Por uma rivalidade pueril, uma pequena guerra de holotins a proposito do conselho geral em que o pai de Octavio te levou vantagem, queres sacrificar os interesses de nossa filha?

A Sra. Borois fazia por esta maneira estouvada, recordando-lhe o que aliás elle tinha bom presente na memoria, um mal a si proprio, um perdimento de causa. Este cortou a conversa atirando-se furioso para seu quarto, cuja porta grosseiramente cerrou. Durante toda a tarde não appareceu. A Sra. Borois fez sciente á pobre Rosinha do máo andamento do negocio, e como tinham sido infructuosas suas rogativas, Rosinha chorou um pouco, porque amava Octavio; porém, este que muito mais a amava, a esta noticia tornou-se louco de desespero. Francisco, criado do coronel, que aos projectos do moço se prestava, tratou de o consolar.

— Isto passa, dizia elle; por fim ha de annuir.

— Meu bom Francisco, ajuda-me a procurar algum meio que torne o coronel mais brando.

— Será bom que lhe vá fallar?

— Deixe-se disso.

— Que hei-de então fazer?

— Procuremos.

E nada acharam.

Um dia, Octavio vio chegar Francisco alegre e esbafarido.

— O coronel consente em receber-me?

— De nenhum modo.

— Que tens tu de bom a me dizer?

— Que achei o que anciosamente buscavamos.

— Falla depressa.

— Fui soldado, Sr. conde, fiz a guerra com o coronel. E' preciso que joguemos com a sua antiga posição. Qual é o melhor meio senão o mais prompto ao menos mais seguro, para tomar-se um praço?

Francisco esperou com prazer a resposta que Octavio não pensou em dar.

— E' cortar as communicações, e destruir os viveres nos sitiados.

— Bom! Depois?

— Depois? a cousa é simples; e como se tivesse medo de ser ouvido, inclinou-se ao ouvido do moço e descreveu-lhe seu plano.

— A idéa me parece boa, disse sorrindo. Mil vezes agradecido. E quando o poremos em pratica?

— Hoje mesmo. Vou fazer o que me compete; ao senhor o resto, e veremos.

Separaram-se, e Octavio mandou sellar seu cavallo baio á toda pressa. Uma hora depois entrava em Holois cabeça do cantão a unica cidade que havia nas quinze leguas de circumferencia.

O dia tinha-se passado calmo no castello; a senhora Borois e Rosinha pareciam tristes, mais submissas; o coronel não lhes dirigia

se quer uma palavra, e julgava-se feliz por ter acabado de uma maneira tão prompta com os Chateaulucs.

— Francisco, disse depois do almoço, vai sortir de charutos a minha carteira no meu quarto. Toma a chave da caixa.

— Sim senhor.

Francisco voltou ao cabo de cinco minutos.

— Senhor, eu não sei onde poz a sua caixa; não a encontro em parte alguma.

— Esta é que é bonital Procureste mal.

— Romechi todos os escaninhos.

— Não pôde estar perdida.

Vamos vel-a.

O coronel entrou em seu quarto, virou-o em todos os sentidos e nada achou.

— Com mil bombas, exclamou! eis uma graça de máo gosto!

Todo o pessoal do castello foi chamado e interrogado. Ninguem tinha visto a preciosa caixa.

(Continua.)

TARDES DE UM PINTOR

OU

INTRIGAS DE UM JESUITA

(Principiou no n. 821, de 13 de Fevereiro de 1857, e foi suspensa no n. 823, de 20 do mesmo mez e anno. Acabou o 1.º vol. no n. 924.)

Volume II.

(Principiou no n. 947.)

Tendo sido elevado ao throno portuguez o rei D. José, em 1750, foi solemnemente firmado um tratado de limites entre Portugal e Hespanha; em consequencia do qual deviam ficar distinctos os limites do Brasil, e os domínios hespanhoos n'America meridional.

As duas cortes pois enviaram commissarios, que por parte das coroas de Portugal, e Hespanha, partes contractantes, deveriam demarcar, e assentar os limites das duas nações, mas foi impossivel a estes commissarios o fazerem, porque seduzidos, e aconselhados pelos jesuitas, os indigenas de Missões se lhe oppozeram com um troço de 3000 homens.

A' vista disto, os dous governos viram-se obrigados a enviarem tropas para reduzir os rebeldes por meio de força.

Eram pois para esta pequena campanha os preparativos bellicos, que no Rio de Janeiro se faziam.

No mesmo dia em que Julianno fallou com Paulo, e ficou este de dar-lhe resposta sobre a consuminação do casamento d'elle Julianno com Clara, lá foi á casa de Paulo o padre Roberto, e Paulo lhe propoz o caso: Roberto dice-lhes:

— Meu amigo, eu sei que Julianno não até aqui sido um bom moço, mas os máos não o foram sempre, elles são boas até certo tempo, e pouco a pouco se vão corrompendo. Ninguem se faz máo de repente, diz um celebre poeta latino; entretanto, por não fazer juizos temerarios en nada quero aventurar sobre o ferimento do meu amigo Leoncio; não digo que fosse Julianno, nem que não fosse; o tempo nos mostrará. O que vos posso dizer é que apesar do toda a protecção dada a Julianno, este está perdido, se o licenciado não quizer desistir do processo.

Ora que Leoncio é por demais generoso com elle, isso é claro, e claro á toda luz! E o que é que Leoncio exige? a sua sahida do Rio de Janeiro por algum tempo. Vós não quereis dar, eu o creio, vossa filha a um homem machucado de um assassinio; pôde Julianno não o estar, mas cumpre justificar-se; além de que vossa filha vos não é pesada; e nem vós tendes pressa de lhe dar marido, e nem ella está nas circumstancia de receber qual-quer marido. Julianno ama-a. bem: quer ser seu marido; pôde sel-o; mas convém que se mostre digno de Clara; a sorte lhe depára agora com um meio propicio de se cobrir de gloria, e fazer esquecer esta impressão, que o ferimento de Leoncio, attribuido a Julianno, causou nos animos. O governador, segundo se diz, o estima; elle vai partir para Missões; que Julianno vá com elle, que se assignale, que se lave da mancha posta em sua reputação, e quando vier, se voltar digno de Clara, e de vós, far-se-ha então o que fôr melhor, e mais justo.

Por mim, eu o declaro francamente: se Clara fôr minha filha, nas presentes circumstancias não a daria a Julianno, ainda que fosse verdadeiro o El-dourado, e fosse elle seu proprietario.

— Também eu estou desse animo.

— E o deveis estar se por ventura quereis pura, e sem mancha a vossa reputação, e a de vossa filha.

— Julgues então que lhe devo propor isso?

— Eu o entendo assim.

— Pois assim se fará.

Pouco tempo depois Julianno entrou, tendo já sabido o padre Roberto.

Paulo com muitos subterfugios, com muita civilidade, lhe fez ver que não duvidava cumprir sua palavra, a respeito do casamento de Clara; mas que elle bem via que o ferimento de Leoncio tinha causado alguma impressão; e que assim julgava melhor espagar o casamento, porque então essa impressão estaria mais amortecida, se não morta de todo.

Então Paulo lhe propoz a ida para Missões com o pequeno exercito, que ora se preparava.

Bem comprehendeu Julianno que este escrúpulo o offendia muito; mas elle sabia assás que ninguem está obrigado a acreditar na pureza dos outros. De mais, o ferimento de Leoncio havia sido acompanhado de circumstancias taes, que elle se via forçado a perdoar a aquelles que o punham auctor desse ferimento. Assim, Julianno não viu nos escrúpulos de Paulo senão a delicadeza extrema de um pai honrado. E pois Julianno concordou em partir para Missões, com condição de, logo que voltasse, concluir-se o casamento. Assim pois trataram os dous.

Agostinho, a quem isto pareceu um triumpho dos inimigos de seu sobrinho, custou em consentir em tal; mas a instancia do mesmo Julianno, deu consentimento.

Gomes Freire ouviu com prazer a resolução de Julianno, e querendo dar uma prova publica do apreço em que o tinha, o empregou no Quartel General. Julianno apromptou-se para seguir seu novo destino.

Antes de sãa partida foi despedir se de Clara, e teve prazer de acertar em ir em um dia em que Clara se achava só. Ahi teve o prazer de ouvir da bocca de sua amada, que ella nunca acreditou que fosse elle o auctor do ferimento de Leoncio. Custosa foi esta despedida, foi sentimental, e cheia de emoções

ternas e dolorosas. Clara jurou-lhe uma e muitas vezes que lhe seria sempre constante, e fiel á sua palavra; que em quanto elle fosse vivo seu coração não pertenceria a outrom; e então o conjurou de voltar o mais breve possível, e trazer-lhe o mesmo coração amante, terno, e fiel.

Depois do mil protestos de amor, de mil juramento de fidelidade; depois de repetidos abraços e de muitas lagrimas, separaram-se estes dous amantes, deixando um no outro suas esperanças, seus futuros, e metade de sua alma!

Julianno ao despedir-se, deixou entre os mãos de Clara um papel, e apartaram-se estas duas almas, que Deos parecia ter feito uma para a outra, tão boas, tão puras, tão amantes eram ellas, e tão consciãs de suas affeições.

A expedição estava prompta, e Julianno ia partir com ella.

Contente estava Leoncio, e ufano o padre Roberto pelo seu triumpho! O soberbo contendor ia desapparver, o campo lhes ficava livre, e o triumpho facil.

Tudo estava prompto, chegou o dia, e Gomes Freire de Andrada, seguido de mil homens, e conduzindo dez peças, partiu para Missões!

Julianno, lançando um saudoso olhar para a habitação de sua querida, e exhalando do fundo de sua alma um suspiro de dôr, e de sentimento, partiu com a expedição que devia bater es indios rebeldes nos campos de Missões.

(Continúa.)

A Rosa desprezada.

O. D. e C. á Exma. Sra. D. A. de V.

No vergel leida e saudosa
Eu te vi, oh bella rosa,
Quando veio inopia donzella
Sem tremer, sem trepidar,
Com avidez derrubar
Haste pura, tão singella!

Qual vendaval, furioso,
Nos ares rompeu irado
Um gemido maternal,
O gemido era exalado
D'um roseiral exagado
D'onde a flôr era natal!

A florinha tão singella,
Nos labios da joven bella
Foi unida e osculada;
E depois ao roseo seio,
Com virgineo e mago eulcio
A florinha foi pregada!

Uma lagrima furtiva
Pelas faces d'essa diva,
Eu vi bella rociar;
E depois a flôr cahindo,
No seu seio comprimindo
Em delirio a vi heijar!..

A florinha no outro dia
Do seu peito já pendia,
Murcho 'o viço, a cor perdida
O aroma já não tinha;
Assim mesmo se mantinha
Na sua triste jazida!..

Da donzella um terno olhar
Sobre a flor eu vi passar;
E depois sorrir profundo
Pelos labios dilatou-se,
Qual sorrir que desfinou-se
Nos labios do moribundo!..

Um gemido prolongado
De seu peito lacerado
Exhalou-se com fragôr;
Então eu vi com mão dura,
A florinha sem ventura
Ser entrega ao desamor!..

« Grande Deos! a flor dizia:
Sô por mera phantasia
Os carinhos recebemos
Dos humanos, que incessantes
Dos galhinhos verdejantes
Nos tiram... e feneceamos!

« Essa virgem que devia
Comprender a magia
Dos beijinhos maternaes;
Essa virgem desbomana,
Cruel se mostra a tyrana
Nos tirando dos rosaes!

« Assim é tudo no mundo,
Nesse orbe tão profundo;
Em quanto é bella e viçosa
E' por todos conquistada:
Depois de bella, é *passada*
E chamada *caruchosa!*

Era bella, tinha odôr,
Expargia um divo amor;
Mas agora desbotada,
Co'as pé'l'as chieias de lama,
O charco tendo por cama,
Sim, agora desprezada!

« Quando eu, no roseiral,
Pela hora matinal
Recebia em côrto a brisa,
Aos favonios ligeiros
Me diziam lisongeiros:
Os teus olhos nos deslisa!

« Mas agora o que me resta?
Pernoitar a extrema sêsta,
Ter por cama o lago undoso,
Ser por todos desprezada;
Eis aqui da desgraçada
Fêro fim ludibrioso!..

Do queixume desta flôr,
No gemer da extrema dôr,
Oh vós humanos viventes
Espelhai-vos co'atenção!
Que vos pulse o coração
São os meus votos ardentes.

Quasi sempre a amizade,
(De véras quando não arde)
Tem igual sorte a que te vo
Essa florinha infeliz.
Por ser fraco esse matiz,
Nem um dia se susteve!..

Assim é nossa amizade,
(De mim tendes piedade)
Pois não gosto de mentir)
A principio é muito véra,
Se vem nova... não devera
Velha amizade fruir!

A. P. Domingues

Charada.

Na musica me achareis, 1
Sou muito ao longe inverso; 2
Para o mar gôsto de andar,
Para lá morrer submerso. 2

CONCERTO.

Quem muitas vezes quer
Uma cousa encontrar;
Se de mim fizerem uso,
E' a mim que vão buscar.